

VASTAS CABELEIRAS

Antônio Siqueira

A

Igumas são imponentes. Outras, nem tanto. Espalhadas pelos canteiros da Esplanada dos Ministérios, as árvores dão vida ao mar de concreto da parte central da cidade. Embelezam o ambiente, dando um tom verde ao cinza dos prédios. Elas cresceram junto com Brasília.

As árvores foram plantadas no período de construção da cidade. Fotos históricas mostram pequenas mudas ao lado dos esqueletos dos prédios. Mas a arborização foi efetivada a partir da metade da década de 60, quando o engenheiro Plínio Cantanhede deu início ao processo de humanização do Plano Piloto. Apelidado de "prefeito jardineiro", ele foi administrador de Brasília de 1964 a 1967, transformando o canteiro de obras num formoso jardim.

O prefeito jardineiro trouxe o verde para a poeira vermelha do progresso. Aproveitou a resposta positiva da terra aos homens que vieram trazer civilização para o planalto central: onde quer que se plantasse uma semente nova, de uma espécie diferente das quais que há milênios tinham se ajustado aos padrões do solo e natureza, ela crescia. Os eixos Rodoviário e Monumental transformaram-se num horto florestal.

A variedade de espécies plantadas foi enorme. Segundo especialistas, são mais de 20. Mogno, pau-brasil, guariroba, pau-rei, bálsamo, espátolia, calabura, sibipuruna, entre outros, podem ser encontrados nos gramados da Esplanada dos Ministérios. "Sem dúvida alguma é um cinturão verde", acredita Ozanan Coelho de Alencar, chefe do departamento de Parques e Jardins (DPJ) da Novacap.

O problema é que as árvores cresceram, gerando um transtorno. Quem trafega pelo Eixo Monumental não consegue identificar a repartição de cada prédio. Em alguns casos, como o mogno localizado em frente ao Ministério da Agricultura, a copa está atingindo o 5º andar. As letras de bronze, situadas nas laterais dos blocos, estão sendo tampadas pelos galhos e folhas.



SÓ MESMO QUEM CONHECE MUITO BEM A ESPLANADA CONSEGUE IDENTIFICAR OS MINISTÉRIOS. A ARBORIZAÇÃO, INICIADA NA DÉCADA DE 1960, É COMPOSTA DE MAIS DE 20 ESPÉCIES

ÁRVORES ATRAPALHAM

Adificuldade em identificar os prédios da Esplanada é percebida com facilidade. Quem circula por ali, não tem dúvida: as árvores atrapalham mesmo. "Não dá para enxergar. Só a visão de raio-x do Super-Homem poderia resolver o problema", ironiza Marcelo Dutra, de 19 anos, prestador de serviço no Ministério da Previdência e Assistência Social.

Pela primeira vez em Brasília, a educadora Loris Boabaid, 58, está querendo conhecer os detalhes da Capital da República. Acompanhada da prima e guia turística, Zeci Costa, da mesma idade, a gaúcha de Porto Alegre

tentou identificar da Catedral os prédios localizados do outro lado do Eixo Monumental. Não obteve êxito. Dos dez blocos, conseguiu reconhecer somente um: o Ministério da Aeronáutica. "Só porque não tinha nada na frente", diz ela.

Sugestões para melhorar a identificação dos prédios não faltam. Para o motorista Pedro Gomes da Silva, 44, a solução seria cortar as árvores até a altura das letras. "Um trabalho fácil que pode ser realizado em poucas horas. Garanto que depois disso ninguém mais ficará perdido", pensa.

A ideia do motorista é inviável. A poda das árvores da Esplanada é proibida. Algumas delas, como o mogno (*Swiet-*

nia macrophylla) localizado em frente ao Ministério da Agricultura e o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*) situado nas proximidades do Ministério de Minas e Energia, são imunes ao corte e consideradas "porta-sementes". Elas fazem parte de uma reserva genética a ser utilizada pelas gerações futuras, conforme decreto de 1989, assinado pelo então governador Joaquim Roriz.

Mesmo se permitida, a podadura poderia acarretar a morte das árvores. "A poda é um cirurgia vegetal. Para permitir a visão dos nomes dos ministérios seria necessário um corte drástico que poderia matar algumas espécies", observa Ozanan Alencar.

LETROS NO ALTO

Há 20 anos trabalhando no centro do poder, o taxista Joaquim Rufino Bezerra, 57, tem uma proposta diferente. Ele recomenda mudar a localização das lettras. O nome do ministério passaria a ficar no alto dos blocos. "Todos poderiam ver de uma maneira eficiente", conta, apontando para o prédio da Confederação Nacional de Agricultura (CNA) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), no Setor de Autarquias Norte.

O conselho do taxista também não poderá ser seguido. A padronização dos blocos é estabelecida pelo plano original

da cidade. Conforme decisão do Departamento de Recursos Logísticos do Ministério do Planejamento, qualquer mudança só poderá ser implementada após avaliação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). E até agora, nenhum órgão fez algum pedido formal.

A saída seria a utilização de placas de sinalização para resolver o problema. Elas seriam instaladas nas pistas de acesso de cada prédio. "Facilitaria para o motorista e, ao mesmo tempo, não precisaríamos realizar mudanças radicais", comenta o coordenador dos Serviços Gerais do Ministério da Cultura, João Teodoro dos Reis Neto.